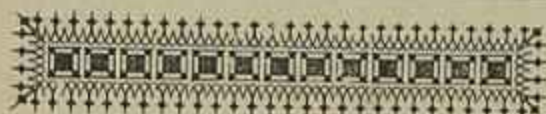




OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega	22.º Anno — XXII Volume — N.º 755	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte. m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	20 DE DEZEMBRO DE 1899	Lisboa. L. do Paço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA DO LOUREIRO, 25 A 39 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Em que se ha de falar senão na guerra?
Anda o mundo espantado da má figura que fazem os leões de fama contra o que muitos suppunham mosquitos.

Derrotas sobre derrotas, franca, e sympathicamente á força de franqueza, confessadas pelos inglezes, são as novas de cada dia.

E é innegavel que o mundo inteiro vai revelando uma sympathia pelo Transvaal, que deve assustar algum tanto a orgulhosa Inglaterra, que tantas vezes humilhou as nações pequenas. E o castigo é tal agora, que já principia a inspirar piedade ainda nos mais fervorosos inimigos.

Mais uma vez se mostra a verdade do velho proverbio portuguez, que tem cada qual tanta força em sua casa, que, até depois de morto, são precisos quatro homens para d'ella o arrancarem.

A victoria final dos inglezes é simples questão de tempo, diziam muitos. Talvez seja assim, mas de muito tempo n'esse caso.

As ultimas noticias chegadas contam prodigios de valor e de tactica da parte dos boers, que ninguém suppunha tão bem armados, nem capazes de fazer a Chamberlain & C.ª passar tão máos quartos d'hora.

Más horas vamos nós passando tambem e todos andamos desconfiados do futuro que nos espera.

O orgulho é sempre, tarde ou cedo castigado, que o digam os inglezes agora; mas castigo ha de ter um dia tambem a nossa humilde indolencia.

Entretanto vamos philosophando, fazendo conjecturas, apresentando idéas, discorrendo sobre futuros proximos ou remotos, e olhando melancolicamente para a chuva que cai, oiro para as terras, porcaria nas ruas de Lisboa, ha muitos dias intransitaveis.

Dois homens no vão d'uma escada, durante uma valente batega d'agua, discursavam sobre o assumpto obrigado.

— Com esta carga é que os inglezes agora ficam arranjadinhos!

Lembrei-me d'aquelle delicioso quarto acto dos *Amants*, quando a mulher pede ao amante, que vai para o outro hemispherio, que todas as noites, a uma certa hora olhe para a Grande Ursa, unica constellação que ella conhece. E o pobre homem, em horas de tanta saudade, a ter que explicar que a terra é redonda, que lá é dia, quando cá é noite...

Que tristes dias teem sido estes! O catavento não deixa de olhar para o sul. A luz só por instante apparece no grande circulo azul, cravejado de estrellas. Logo as nuvens pardas a encobrem e a chuva cai monotona, serena, com tristeza na cidade, enchendo de alegria a gente do campo, para quem as chuvas já iam tardando.

Os dias escuros enchem de melancolia as almas, levam-as a idéas tristes.

Mas breve vão chegar o Natal, as ferias, a grande alegria nas casas com as gargalhadas das crianças. Então para longe tristezas! Teremos para nos alumiar em nas compridas noites, melhor do que o sol em maio, os olhos ridentes dos nossos filhos.

Como o sol é pallido agora, quando, por entre farrapos ferrugentos, nos diz, á tarde, o ultimo adeus!... Façamos-lhe a vontade.

Sepultou-se, ha dias, o cadaver d'um homem prestimoso, José Ferreira Chaves, que, durante muitos annos, foi professor na Escola de Bellas-Artes. Interinamente dirigiu a cadeira de pintura historica. Deixou um grande numero de quadros, em que avultam, como de maior merecimento, alguns de flôres em cuja pintura era exímio. Muitos dos nossos mais illustres artistas deveram muitissimo a seus conselhos. Trabalhou pela educação e foi por isso um benemerito.

O mesmo diremos de Soror Philomena du Chantal, que muitos annos dirigiu um dos melhores estabelecimentos de educação existentes em Portugal, e cujo cadaver ao cemiterio de Ajuda foi acompanhado por numeroso sequito de antigas discipulas e suas familias.

Eleita, muitas vezes, pela comunidade, directora do convento das Sallesias, e assumindo então o titulo carinhoso de *nossa mãe*, a santa senhora, cuja morte fez derramar muitas e senti-



ANTONIO JOAQUIM FERREIRA DA SILVA —LENTE DA ACADEMIA POLYTECHNICA DO PORTO

(Copia de uma photographia do sr. E. Biel)

nam os povos conquistado a liberdade civil; ao findar, porém, do século xv e no começo do século xvi acontecimentos notáveis, filhos da evolução medieval, tinham-na preparado e robustecido para a *segunda renascença*. Em 1492 ousado aventureiro descobriu a America; cinco annos mais tarde um portuguez illustre passa o Cabo das Tormentas e chega á India. Então começou uma grande revolução no commercio. Na primeira década do século xvi (1508) Raphael e Miguel Angelo pintam em Roma as salas do Vaticano e a capella sixtina, e iniciam uma grande revolução na arte. Por este tempo medita Copernico um novo systema do mundo, e presente-se uma grande revolução nas sciencias. A conquista de Constantinopla impellira para o occidente os sabios conservadores das letras gregas e romanas, e a imprensa, já então descoberta, vulgarisando-as, apaixonou as novas sociedades pelo que havia de grande no mundo antigo. Então começa a revolução litteraria. O espirito humano, profundamente abalado, procura resolver os grandes problemas da sociedade civil e os da alma humana; começa a reforma religiosa, e em breve a revolução politica. Vê-se apparecer depois, ou nos altos cargos da justiça, ou no seio da revolta armada dos povos, homens energicos, a quem nada intimidava: defendem a liberdade religiosa, quer no parlamento da França, quer nos Paizes-Baixos contra as hostes do duque de Alba; e, ou empunhando a espada do soldado, ou a penna do legislador, conservam-se firmes e inabalaveis em frente das perseguições, da fogueira e do patibulo. Nada lhes quebranta o animo aos filhos da burguezia. Desde o século xiii iniciados pelas embaixadas na politica enredada das côrtes, parece que a experiencia os endureceu para a lucta, e o confronto das diferentes civilisações lhes elucidára o espirito, rasgando-lhes maiores e mais largos horizontes a seus emprehendimentos.

Os que não floream a penna, nem combatiam em campo descoberto, iam nas profissões liberaes cuja esphera se alargava com o progresso commercial do século xvi, afirmar sua individualidade nos varios mestres de cambistas, ourives, mercieiros, mercadores de pannos, tecelões, e outros inferiores, mas não menos lucrativos.

Assim, pelos fins do século xvi, tinha-se engrandecido muito a classe media. Pelo exercicio dos empregos publicos, e maxime pelas funções judicarias, havia-se approximado da nobreza. Pela fundação das grandes manufacturas e emprezas de commercio adquirira immensos cabedades.

Pelas artes e letras tinha dado á sua posição social, que a riqueza sobredourava, o prestigio que o pensamento humano, revestindo uma forma brilhante, imprime ás suas creações. Tinha por isso adquirido o poder e a consideração, que, filhos do proprio merito, lhes deu a dignidade pessoal.

Ao passo que esta classe ascendia aos logares da magistratura e abria novos caminhos ao commercio e á industria, e se revelava nas letras, nas bellas artes e nas profissões liberaes, parecia declinar politicamente e que deixava percer as liberdades do municipio. Este facto, porém, para os que se não ligam á letra mas ao espirito ou pensamento das coisas, tem uma explicação. O povo, ou antes a burguezia, uniu-se á realza na idade media, porque nesta epoca de formação, em que luctam todos os elementos sociaes, em que ha guerras de municipios, guerras de religião, guerras feudaes e guerras dos nobres contra o povo, este tem necessidade da ordem, que é a vida do trabalho em suas diferentes manifestações. Não tendo força nem meios para crear uma vontade commum ou nacional, lançou-se nos braços do mais potente senhor do feudalismo — o rei; que, auxiliado por elle, podia crear a legalidade necessaria á vida trabalhadora da burguezia. Além do que, essa instituição era a que melhor correspondia ás tradições religiosas e politicas da idade media, que da unidade de Deos apregoada pelo antigo e novo Testamento se ia elevando á unidade do governo apregoada pelos romanistas.

Apenas estes descobriram os *direitos reais*, e tanto que as sociedades novas encontraram a legislação completa e perfeita do mundo romano, os privilegios, as isempções, os codices locais... tudo isto devia morrer em face da lei geral. A burguezia apoiou esta completa transformação, visto que a lei, que preparava a egualdade civil, a unidade judicial, a unidade administrativa, preparava-lhe egualmente o caminho para o seu engrandecimento e prosperidade.

E com effeito todas aquellas conquistas e manifestações da burguezia constituiram na Europa uma opinião publica bastante pronunciada. A realza empenhou continuos esforços para lhe responder, e, se nem sempre foram proveitosos, pois que eram medidas do poder absoluto, foram

ao menos constantes, e tinham por fim attender ás necessidades dos povos. O imperante declara sempre no preambulo das leis, que ouvira os homens de prudencia e bom juizo, afirmando que a justiça e interesses dos vassallos foram o alvo constante de seus cuidados.

As sociedades, impellidas pelo energico impulso da burguezia, se mais cedo não chegaram ao atrió da civilisação, motivo lhes foi que a fortuna social d'esta classe trouxe consigo a fortuna da realza. Esta, fazendo suas todas as conquistas do trabalho e do genio, cresceu adorada e respeitada sobre o animo dos povos. Chegada ao apogeo de sua gloria, o que pode marcar-se no século xvii, viu-se então que, á semelhança de Alberto Magnus, a classe media creára um monstro, que pretendia matá-la. As summidades attraem os raios: a grandeza com seus esplendores deslumbra, corrompe a intelligencia e desvaira a razão. Emquanto foi preciso organizar as communas, combater o feudalismo, formar a unidade nacional e crear um povo, o vulto da realza eleva-se ao lado da burguezia e na mais completa união e accordo. Consolidado o poder absoluto, a realza dispensa os serviços de seu auxiliar e pretende oppor á nação a sua unica vontade. Em desharmonia com os interesses nacionaes, começam então os erros fundos, as loucuras brilhantes, as aventuras e empresas arriscadas, e até os actos de funebre reacção, ora allumiados pelo clarão das fogueiras, ora entenebrecidos pelo aspecto singular e triste do patibulo. Luiz XIV, revogando o edicto de Nantes, e expulsando dos lares francezes a parte mais intelligente e industrial de seu povo, é um exemplo. Um outro poderíamos ir buscá-lo á nossa historia: — é D. Manuel queimando, perseguindo e expulsando os judeus.

Uma coisa, porém, deve consolar-nos: — é que os povos não morrem. Se as victorias parciais pertencem aos interesses, as decisivas pertencem ao direito.

Conde de Valençes.



AS NOSSAS GRAVURAS

O PROFESSOR FERREIRA DA SILVA

O sabio lente da Academia Polytechnica do Porto e incançavel director do laboratorio chimico da mesma cidade nasceu em Cucujães, concelho de Oliveira de Azemeis, em 28 de julho de 1853.

Datam de ha muito suas primeiras publicações. Mas quem havia de prever que o estudantinho de theologia que, no Seminario Episcopal do Porto, de 1872 a 1874, escrevia para o *Ramalhão do Christão* artiguinhos religiosos e moraes, havia de ser, mais tarde, um dos mais fecundos homens de sciencia em Portugal, um chimico notabilissimo, escriptor d'alta competencia em variados assumptos, o polemista de pulso que todos com profunda estima admiramos?

Durante o curso universitario, completado com as maiores distincções, publicou alguns resumos de physica e botanica, que, accrescendo-lhe a competencia eloquentemente demonstrada no tempo que levou a formar-se em philosophia natural, lhe valeram um honroso convite officioso para um logar de lente na faculdade. Não quiz acceita-lo; mas, passado pouco tempo, concorria ao logar vago d'uma cadeira na Academia Polytechnica do Porto. Foi nomeado lente substituto em 24 de maio de 1877.

Brilhantissima carreira tem desde então seguido. O nome de Antonio Joaquim Ferreira da Silva é hoje tão conhecido quanto estimado, não sómente em Portugal, que o tem na conta d'uma de suas glorias mais estremes, mas no estrangeiro, como é prova sua nomeação para membro da Sociedade Chimica de Paris, por honrosissima proposta de Wurtz e de Friedel em 1884, a que muitas mais se seguiram de igual ou superior estima e muita consideração.

Referimo-nos tão sómente á primeira em data, pois não cabe nos limites d'este modesto preito de homenagem a um grande homem especialisar todos os titulos e diplomas, com que tão justamente tem sido honrado.

Escriptor de subidissimo merito, é grande o numero de suas obras de alto valor scientifico, publicadas sobre variados assumptos, muitos dos quaes se prendem com questões que na impren-

sa foram calorosamente debatidas, sahindo de todas as discussões triumphante a competencia do illustre mestre.

Director do Laboratorio Chimico, grandes serviços tem prestado á cidade do Porto e especialmente á sua hygiene.

São importantissimos seus trabalhos sobre hydrologia e cenologia e por si seriam bastantes para honrar o nome de Ferreira da Silva e merecer-lhe a nomeação de membro da Sociedade de medicina e cirurgia, se outros trabalhos, ainda de mais alto valor em chimica legal e toxicologica, o não houvessem tornado primeiro entre primeiros.

Citaremos apenas os seus trabalhos de analyse toxicologica, quando do famoso processo em que foi finalmente condemnado o dr. Urbino de Freitas.

Ha tempos as *Novidades Medico-Pharmaceuticas* publicaram como homenagem ao professor Ferreira da Silva um bello artigo do lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto, sr. Alberto d'Aguiar.

São d'essas notas biographicas os seguintes periodos:

«Profundamente sincero e crente, dotado d'uma actividade tão fóra do vulgar que se tornou lendaria, orientado por um pensar recto e meticulosamente instruido, tem sabido imprimir a todos os seus trabalhos um vigor e um rigor que explicam a justa e elevada consideração de que goza. Esses dotes dão-lhe fundamentada margem a affrontar brilhantemente fortes campanhas e accusações que contra elle se tem levantado e a transformar a sua tão fogosa como sympathica defeza em triumphos gloriosos não só para a sua probidade e consciencia scientificas, mas para a sua lealdade e honradez de cidadão.»

O retrato que hoje o Occidente publica é dos mais honrosos para a nossa galeria dos grandes portuguezes.

A PRIMEIRA MISSA NO BRAZIL

Illustrando o capitulo iv do *Descobrimento do Brazil* — narrativa de um marinheiro, que vimos publicando, inserimos hoje a reproducção do desenho de Condeixa *A primeira missa no Brazil*.

Pelo texto de Vaz Caminha podem os leitores ajuizar do valor da composição e da justiça do apreço que mereceu tão formoso quadro, quando reproduzido em grande estampa colorida, brinde do nosso presado collega *Mala da Europa*, aos seus assignantes.

TUMULO DE S. FRANCISCO XAVIER

Acompanhando ainda o artigo *O apóstolo das Indias*, estampamos hoje o tumulo de S. Francisco Xavier, obra admiravel que na, já referida egreja do Bom Jesus, de Góia, se encontra, e que n'ella attrae subidamente a attenção dos visitantes.

Este esplendido mausoleo de finissimos marmores coloridos de Italia e prata é visitado por todos os povos da India com a mais acrisolada devoção. Segundo refere o padre Francisco de Souza no seu *Oriente conquistado*, foi esse primoroso trabalho offerecido por um grão-duque da Toscana. Como se vê da estampa o bello momento compõe-se de tres partes distinctas, além caixão de prata que encerra o corpo mumificado do glorioso evangelizador. Tem approximadamente 6 metros de altura desde a base até á parte superior da cruz que remata o caixão, 3 metros de comprimento, e 2,5 de largura.

A primeira parte representa os quattros altares em forma de urna, em cada face do tumulo. Esta parte, que, actualmente, constitue a base do sarcophago, é de bellissimo marmore vermelho raído de branco, com os resaltes de marmore branco e raídos de cor de laranja.

Os ornatos em alto-relevo, bem como os cherubins dos angulos são de purissimo jaspe e alabastro. No centro do pontal de cada um dos altares tem diferentes emblemas em alto-relevo, representando no altar da face norte do sarcophago, que é a apresentada pela nossa gravura, o sol com dois circulos concentricos radiosos; no altar que olha para o occidente mostra um livro e diferentes cruces descendo sobre elle; no do sul um coração exhalando chammias entre dois circulos radiosos; e finalmente no da cabeceira, representa o céo nebuloso, despedindo raios que derribam uma mesquita coroada de meia lua.

A segunda parte é um parallepipedo de magnifico marmore verde salpicado de pontinhos brancos, pretos e cinzentos, com resaltes e frisos de marmore amarelado com veios brancos e cor de se-

pia. No centro de cada uma das quatro faces está uma grande lamina de bronze escuro de elevado merito artistico representando em alto relevo, e em figuras quasi destacadas do fundo, os mais notaveis passos da vida do Santo. Na lamina da face do tumulo, que é a que se vê na nossa estampa, está representado o glorioso apostolo doutrinando aos povos da India.

Superior a este quadro existe um medalhão de bronze sustentado por dois anjos de grandes dimensões, de alabastro purissimo, e no qual se vê o sol nascente, sendo rematado por uma fita tambem de bronze, onde está escripto: *Nox inimica fugat.*

A lamina da parte occidental representa S. Francisco Xavier baptizando. O Santo está descalço, com roupeta, sobrepeliz e estola, tendo na mão esquerda a imagem do Crucificado, e baptizando com a direita uma multidão de indigenas nas Molucas. A' esquerda do apostolo, vê-se um padre entre a multidão, que a catechisa. Por cima d'este quadro ha um medalhão de bronze, represen-

tando o sol no zenith e na facha sustentada pelos anjos lê-se: *Ut vitam habeat.*

É este caixão que conserva o precioso deposito do corpo de S. Francisco Xavier. Nas quatro faces do caixão existem 32 quadros ou laminas de prata, que illustram a vida e representam em relevo os passos e milagres do grande apostolo. Na parte superior do caixão ha dezesseis anjos de prata e n'outras posições seis pinhas grandes e outras pequenas, tambem de prata brincada e com flores douradas guarnecidas de pedras preciosas.

A peanha da Cruz que remata o caixão representa nos lados oriental e occidental, dois anjos com emblemas: O do lado oriental segura um coração enflammado, e o do lado occidental, respectivamente aos pés do corpo do Santo, este distico: *Satis est Domine, satis est,* palavras que S. Francisco Xavier costumava repetir, quando sentia aquelles extasis de amor divino, que o tornavam um verdadeiro inspirado e um verdadeiro Santo.

Tal é, em breves linhas, a descripção d'esse monumento tão precioso pela forma e pelo conteúdo e que a nossa estampa representa.

no accidente o dedo de Deus. Á porta do palacio varios grupos commentam, censurando a imprudencia de Simão de Mello. Xavier mal podia atravessar as ruas, cercado de mulheres e creanças que lacrimosas insistiam com elle para que desistisse dos seus intentos. Espere — diz-lhes Xavier — esta noite teremos o soccorro de dois navios. A população toda correu á praia. Nada. Faz-se tarde: o sol ia descendo. Da praia correm aos altos da cidade; sobem mastros, tectos, com os olhos anciosos no alto mar. A noite ia cahindo, accendem-se archotes. De repente ouve-se um grito. uma vela! Uma salva de palmas recebe Xavier, que n'esse momento corria á praia para verificar a boa nova. Os navios de Diogo Soares de Mello e os que estavam em Malaca sob o commando de D. Francisco de Eça iriam galhardamente affrontar o poderoso inimigo. Quem duvida da victoria? É o padre santo que manda, é elle o chefe do Armamento de Jesus. Voltarão victoriosos!

Passam, porém, semanas, e ninguem sabe o que fôra feito da expedição. Tinham talvez sido pos-



A PRIMEIRA MISSA NO BRASIL. — Desenho de Condeixa

tando o sol no zenith e na facha sustentada pelos anjos lê-se: *Ut vitam habeat.*

Na lamina da face sul, vê-se o Santo procurando atravessar um rio sobre um madeiro para fugir á perseguição dos javaros da ilha de Moro. No medalhão superior a este quadro ha um leão no meio de uma medonha tempestade, e lê-se a seguinte inscripção: *Nihil horum vereor.*

Por ultimo, o quadro do lado do nascente ou da cabeceira apresenta o Santo na hora do seu passamento, abraçado fervorosamente a um Crucifixo, na praia de Sanchoão. Está recostado sobre uma esteira na choupana do portuguez Jorge Alvares, entre os seus discipulos Antonio e Christovam, e assistido de anjos. Allí morre, exclamando: — *In te Domine speravi.*

No medalhão superior respectivo tem a seguinte legenda: *Maior in occasu.*

Atraz dos medalhões está a balastrada que forma a terceira parte do tumulo. É de marmore roxo salpicado de branco. Os frisos e resaltes das quatro columnas dos angulos são de marmore escuro raiado de branco, e de marmore amarello os plinthos superiores e inferiores. Sobre esta balastrada assenta o caixão, guarnecido exteriormente de prata rendilhada sobre velludo carmezim e cravejado de differentes pedras preciosas.

S. FRANCISCO XAVIER

NO ESTADO EM QUE FOI ENCONTRADO
EM 12 DE OUTUBRO DE 1859

Na sua interessantissima obra *A India Portugueza* publicou o devotado viajante e nosso amigo A. Lopes Mendes a estampa que reproduzimos do estado em que se encontrou o corpo de S. Francisco Xavier no dia 12 de 1859.

É porventura n'esse importante trabalho que se accumulam os melhores subsidios para tudo quanto se precise saber acerca dos monumentos respectivos á memoria do grande apostolo das Indias, que o auctor copiou e descreveu carinhosamente.

O APOSTOLO DAS INDIAS

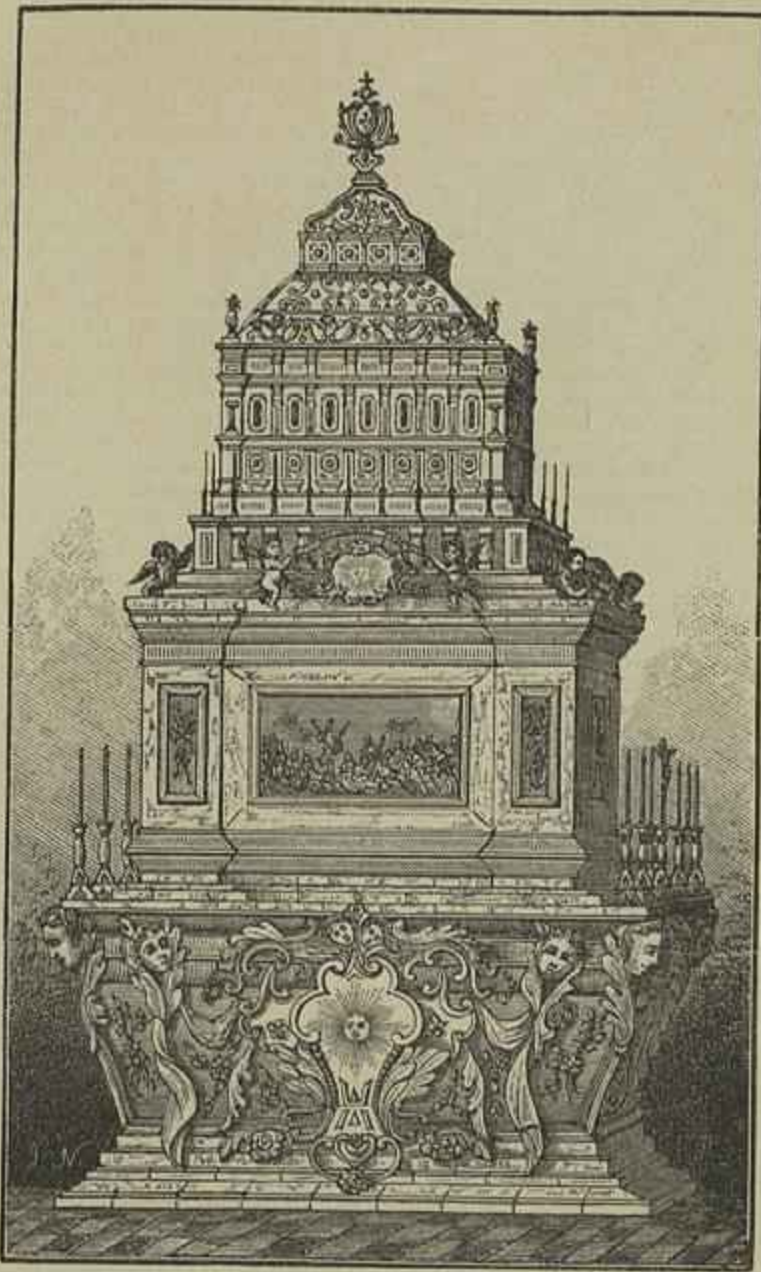
(FALLECIDO EM 2 DE DEZEMBRO DE 1552)

(Concluido do n.º antecedente)

Logo á sahida do porto a nau capitanea soffre um rombo e a flotilha entra a barra, como um bando de aves feridas. A superstição popular viu

tos a ferro e fogo os portuguezes, espedaçados os seus navios por entre os cachopos de Pulo Penang. Xavier era apontado como o causador de todas estas desgraças; perseguiam-no quasi quando elle triste e pensativo passava pela multidão murmurante e lacrimosa. Em Malaca todos estavam certos da derrota. Chega a final um domingo (4 de dezembro) em que todos assistiam á predica do padre Francisco na igreja da Senhora do Monte. O prégador chegára ao ponto em que descrevia a anciedade do mundo pagão pelo Messias. Jesus era a esperanza do mundo — continuava o orador em raptos de enthusiasmo descrevendo a vida do suspirado Deus-Homem. De subito pára, mergulha um olhar ancioso na multidão, que o escuta triste e cabisbaixa, e, erguendo a voz, com os braços estendidos para o altar, exclama: O Jesus! Deus do meu coração! salvae os vossos filhos, eu vos imploro!

N'este momento todos se viraram para o prégador, estupefactos, como que acompanhando o lancinante grito. Xavier, dobrado sobre o pulpito, estendendo os braços como para abraçar aquelles infelizes, diz-lhes entre prantos, radiante de jubilo: Alegrae-vos, ó Malaquenses, triumphamos! Os vossos esposos e filhos voltam victoriosos! Demos graças a Deus! E cahiu de joelhos, abra-



TUMULO DE S. FRANCISCO XAVIER

çado ao seu grande crucifixo, enquanto o povo o cercava, osculando-lhe as vestes. Os portuguezes não tinham sido vencidos, voltavam poucos dias depois com 25 navios aprisionados. Desembarcaram, e a multidão levou n'uma onda de jubilo, da praia ao templo, quasi a braços, o seu querido padre Francisco. Ahi, enquanto as mães, as esposas e os filhos beijavam os victoriosos, chorando de alegria, os nossos marinheiros cantavam o *Te-Deum*, cobrindo Xavier com as bandeiras desfraldadas».

Contentamentos inexprimeveis na lingua humana e só sentidos por creaturas excepcionaes, deviam ter certamente premiado no mysterioso da sua consciencia a alma candida e a dedicação incondicional do ente justo que ia espalhando assim pela terra fructos e perfumes de virtude legitima.

Mas não era bastante; enquanto lhe restasse um folego de vida não cessaria de annunciar a verdade aos povos nem consentiria repouso ao seu corpo enfraquecido.

Ao cuidar na sua viagem ao Japão escreveu algumas cartas em que ha trechos d'este quilate: «Não vos poderei explicar com que jubilo emprehendo esta viagem. Ella é tão perigosa, que se considera como feliz a frota que, de quatro navios, salva um. No entanto não evitarei este perigo, um dos maiores que hei affrontado:

Nosso Senhor revelou-me que rica seara dará este paiz á sombra da cruz que lá vamos plantar.» — «Parece-me por lo que voy sentiendo dentro en mi anima que yo o alguno de la Compañia antes de

dos años iremos a Japon, aunque seya viage de muchos peligros así de tormentas grandes como de ladrones chinos que andan por aquel mar a hurtar adonde se pierden muchos navios. Portanto rogad a nro señor charissimos padres y hermanos por los que alla fueren porque es vna navegacion donde muchos navegantes se pierden.»

Em dois annos e meio de permanencia entre os povos japonezes, Xavier viu que não fora illusão ficticia o motivo que o encaminhou para semelhantes paragens e poudo abençoar a hora em que resolveu procurar uns logares onde á sua despedida deixou reverenciado o madeiro do Redemptor.

«Sahimos de Cerphos, lê-se nos escriptos de Xavier, mais consolados do que eu posso exprimir — vol-o, cheios de benções do povo, e agradecendo mil vezes a Deus, ter-nos inspirado o designio de o virmos procurar entre os seus penhascos.»

Abrazado sempre em amor divino, ainda afa-gava a idéa de semear na China tambem as verdades do Evangelho, e foi a caminho do celeste imperio que a morte veio salteal-o na ilha de Sanctião ou San-cham, aos 2 de dezembro de 1552.

Dorme no tumulo nosso inclito padroeiro no Oriente phantastico! ao passo que o teu nome terreno continua a brilhar n'uma aureola de esplendor immarcescivel, a tua alma immortal gravita nas esferas empyreas embebecida aos acordes angelicos que resoam á volta do throno da Divindade!

A tua phrase derradeira: «Senhor, foi em vóz que eu puz a minha confiança, não serei confundido!» não carecia para ser perpetuada na memoria dos homens, da canonização que a Igreja te concedeu na pessoa do seu pontifice Gregorio XV; partia de mais fundo, tinha base inabalavel: vinha da fé, que nos salva, da fé, que é divina!

Tal foi S. Francisco Xavier, tal deslizou uma existencia de 46 annos, animada apenas pela crença e de que Portugal se orgulha justamente.

Se não é licito a nenhum filho d'este paiz ignorar quem foi Albuquerque e quem escreveu os *Lusadas*, dever imperioso é prestar culto igualmente no fóro intimo a quem só com a cruz ganhou milhões de subditos á bandeira das quinias.

A sua figura levanta-se intemerata, colossal, ao lado do conquistador genial e do cantor sublime que os seculos admiram e as gerações acclamam.

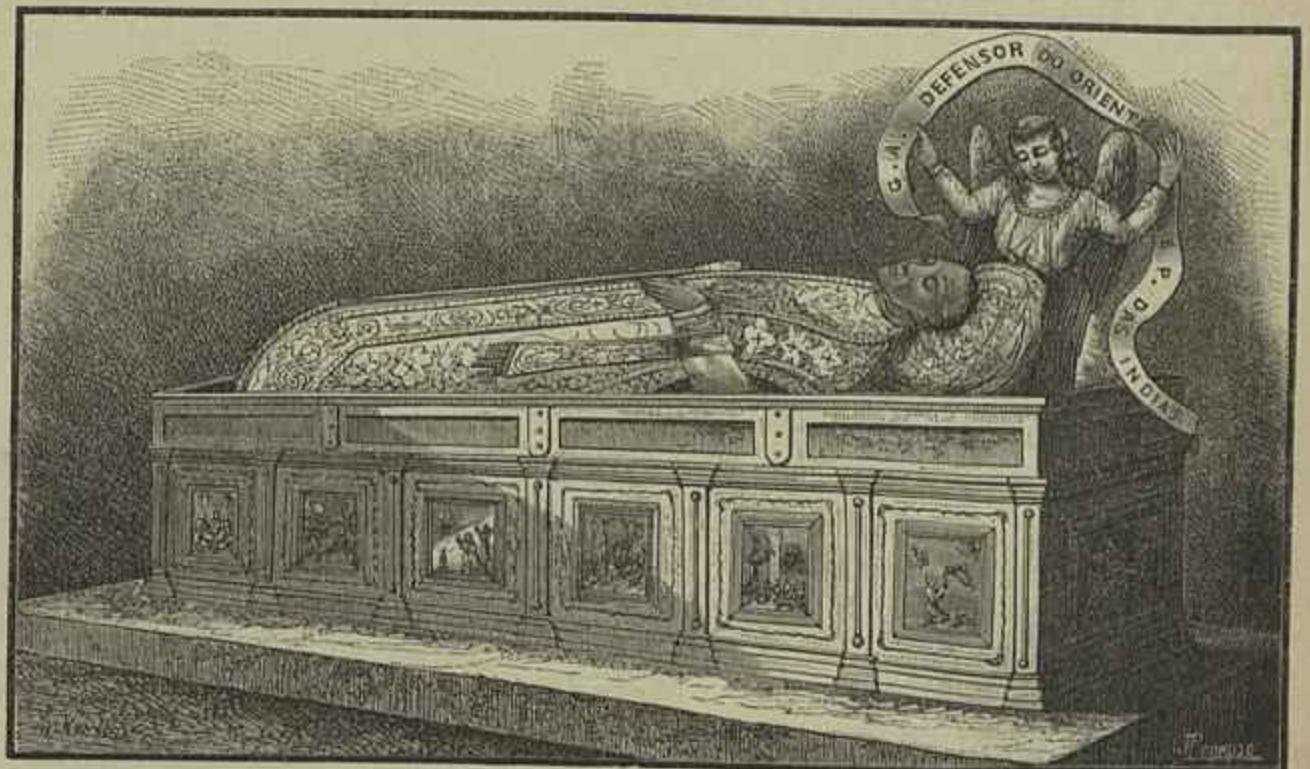
D. Francisco de Noronha.

O tambor-mór «Ponte-do-Sul»

POR A. ASSOLANT

(Concluido do n.º antecedente)

O paiz estava pelado que nem a pinha d'um carca. Os raios dos inglezes tinham alimpado tudo Aquillo a que não tinham deitado o gatásio, bo.



S. FRANCISCO XAVIER NO ESTADO EM QUE FOI ENCONTRADO EM 12 DE OUTUBRO DE 1559

acontecimento, que tanto os illustrava na sua derrota.

La a frota com direcção ao Cabo da Boa Esperança, e esta travessia orça por umas mil e duzentas legoas de mar bravo e tormentoso, em que nos primeiros dias seguiram com vento de feição.

A 20 de maio sobreveiu uma tão furiosa tempestade que, apanhando os navios com o panno todo, não houve tempo de arrear e carregar as gavesas.

N'um instante foram a pique quatro navios, do commando de Ayres Gomes da Silva, Simão de Pina, Vasco de Athayde e Bartholomeu Dias, o immortal descobridor do Cabo da Boa Esperança. O illustre nauta portuguez encontrou a sepultura nas alturas da grande ponta da terra africana, que elle fôra o primeiro a passar.

A's outras embarcações pouco lhes faltou tambem para sossobrarrem. D'esta vez a passagem do Cabo assignalava-se terrivelmente na historia maritima de Portugal.

O mau tempo durou uns vinte longos dias, durante os quaes se não avistou terra alguma, correndo os navios em arvore secca.

Em 16 de julho deu Alvares Cabral no parcel de Sofala, (!) descobrindo costa para elle desconhecida. Navegou ao longo d'ella, vendo grande arvoredado e muito gado.

A 20 do mesmo mez ancorou a armada em Moçambique, seguindo poucos dias depois para Quiloa, onde se lhe reuniu a não *Rei*, com as outras da sua conserva, ás quaes o fortissimo temporal dispersara.

N'este porto, onde chegou a 26 de julho, conferenciou Alvares Cabral, a bordo da não capitana, com Ibrahim, rei d'aquelle Estado e que tentou urdir traição contra o illustre capitão-mór. Todavia um irmão do rei de Melinde, que se encontrava em Quiloa, revelou-lhe os perfidos intentos do rei, pelo que Alvares Cabral, ao terceiro dia das visitas, seguiu ávante até Melinde, (!) cujo rei, muito leal ao tratado que pactuara com Portugal, por occasião da viagem de Vasco da Gama, se encheu de alvoroço ao tornar a ver gente portugueza e o seu embaixador carregado de magnificos presentes.

Recebeu Cabral muitas dadas do monarcha melindano, que o proveu de mantimentos e refrescos, dando-lhe tambem dois pilotos guzerates para guia, indo surgir com uma feliz viagem ás ilhas Anegedivas em 23 de agosto. Aqui se demorou a armada uns quinze dias para provimentos.

(Continúa.)

(1) Por ordem de D. Manoel, expressa no regimento d'esta viagem, tinha Alvares Cabral ordem de enviar Bartholomeu Dias, o qual pereceu, como vimos, nas alturas do Cabo da Boa Esperança, e seu irmão Diego Dias, a Sofala, a fim de negociarem as mercadorias de que iam carregados, a treco de ouro, de que havia alli muita quantidade, e de cujo commercio estavam então senhores os mouros.

(2) Por um dos artigos do regimento que D. Manoel deu a Pedro Alvares Cabral, ordenava-se-lhe que tocasse em Melinde, para entregar ao rei o presente que conduzia e o seu embaixador, e que lhe offerecesse a sua amizade para tudo o que precisasse.

NECROLOGIA

JOSÉ FERREIRA CHAVES

No dia 9 do corrente, a morte fulminou em plena actividade este conhecido artista, antigo professor da nossa Academia das Bellas Artes, e de lance tão inesperado deram conta minuciosamente os jornaes do dia seguinte.

Mal supportaria a familia, quando elle sahio pela manhã de casa, mal supportariam os seus alumnos, quando deixou a aula, que não o tornariam mais a vêr!

Sahindo tambem de manhã, cerca das 9 e meia, da Escola de Bellas-Artes, despediu-se de todos sem que desse o menor indicio de que ali a breve trecho cahiria victima, provavelmente, de alguma lesão cardíaca.

Ao passar em frente do governo civil, proximo das 10 horas, sentiu-se incommodado e tentou agarrar-se ao candieiro da esquina da rua Anchieta.



JOSÉ FERREIRA CHAVES — FALLECIDO EM 9 DO CORRENTE

Baldado, porém, foi o seu esforço, porque caiu desamparadamente no chão.

Soccorrido por alguns cavalheiros foi conduzido ao hospital n'um trem.

Quando chegou ao hospital era já cadaver e o corpo ficou na igreja do Soccorro, onde foi velado pelos estudantes da aula de pintura historica da Academia de Bellas Artes.

José Ferreira Chaves era natural da villa do seu ultimo appellido, onde nasceu a 31 de agosto de 1838. Tinha portanto 51 annos completos. Casara em 22 de fevereiro de 1873 com a ex.^{ma} sr.^a D. Maria da Gloria de Bregaro Bulhões, com contracto anti-nupcial.

Por testamento datado de 26 de outubro de 1891 instituiu universal herdeira a sua esposa, e legou varios objectos d'arte a alguns dos seus amigos.

Ferreira Chaves frequentara a nossa Escola de Bellas Artes, mas não seguiu profissionalmente a carreira artistica. Dedicou-se a burocracia, tendo sido um dos mais intelligentes e zelosos empregados da camara municipal. Desde 1890 que se achava aposentado, tendo alli servido durante 33 annos.

Não obstante os deveres do seu cargo, que cumpria irreprehensivelmente, Ferreira Chaves, deu muitas provas da sua applicação e do seu talento.

Discipulo de Antonio Manuel da Fonseca e de Metrass, dedicou-se tambem especialmente á pintura de flores, de natureza morta e ao retrato. Foi um dos membros mais dedicados da Sociedade Promotora, a cujas exposições concorreu quasi sempre, obtendo diversas medalhas.

Na Exposição internacional do Porto alcançou menção honrosa e n'outra realisada na mesma cidade uma medalha de ouro. A Exposição internacional de Madrid de 1871 concorreu com o retrato de José Ignacio de Araujo e um quadro de flores e fructos.

Academico de merito, foi chamado por morte de Lupi a reger interinamente a cadeira de pin-

tura historica, missão que desempenhou com todo o amor e escrupulo, sendo um dos seus mais notaveis discipulos o sr. José Velloso Salgado.

Ferreira Chaves era cavalleiro de S. Tiago e director da Academia de Bellas-Artes. No Museu Nacional ha um quadro seu, offerecido em 1868, representando um vaso com flores.

Dos seus ultimos trabalhos destacam-se dois retratos, de corpo inteiro e tamanho natural, do sr. D. Duarte de Alarcão e esposa, de Coimbra, e que figuraram no «Salon» de Paris.

A Academia das Bellas Artes legou o fallecido o seu busto em marmore, esculpido pelo seu illustre collega e amigo José Simões d'Almeida Junior; e á bibliotheca da mesma Academia a sua livraria.

Intelligencia culta, caracter bondoso, espirito recto, Ferreira Chaves reunia as qualidades que o tornaram uma individualidade sympathica tanto no meio social como no meio artistico. A sua morte accrescida com a circumstancia da surpresa, causou o mais profundo abalo em todos aquelles que lhe consagravam o preito da admiração e da estima.

Egualmente na vida intima, Ferreira Chaves era encantador, liano e affavel, amigo do seu amigo.

Todos os discipulos lhe queriam como a verdadeiro pae; e por isso o seu funeral não teve um acompanhamento de convenção, foi uma verdadeira romaria de saudade, em que muitos choraram sentidamente a perda do homem que para uns tinha sido um amigo dedicado e um companheiro leal, e para outros um professor bondoso e cheio de atenções.

A desolada esposa do extinto a expressão do nosso profundo sentimento.



Recebemos e agradecemos:

O jagado de Cassange na provincia de Angola — Noticias e factos mais importantes devidamente documentados dos povos cassunges (bãngalas) e das suas relações com os portuguezes desde as conquistas até aos nossos dias, por Henrique A. D. de Carvalho — Lisboa — Typographia de Christovão Augusto Rodrigues, 60, Rua de S. Paulo, 62, 1898.

Em 7 de junho ultimo — imagine-se desde quanto tempo estamos devedores! — recebemos do nosso antigo amigo e companheiro de trabalho sr. Henrique de Carvalho esta importantissima Memoria, que assim a intitulou modestamente o notavel estudo presente.

Pelo seu suggestivo e claro titulo se vê bem como para a historia da nossa provincia de Angola fica sendo este livro de summa importancia e de indispensavel conhecimento.

Escrepto em grande parte sobre investigações pessoais das tradições, julgou tambem o auctor de toda a conveniencia rever n'elle e relembrar os apontamentos que existem sobre o assumpto, constituindo assim uma serie de buscas e compilações que vem «poupar muito tempo e fastidio aos estudiosos».

N'outro lugar do nosso periodico extrahimos da interessante memoria um dos capitulos finais. Sirva elle de amostra e de compensação pela forçada demora em noticiarmos este livro e de expressão de muito agradecimento ao seu illustre auctor.

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

Para 1900

Sabiu a publico este interessante annuario illustrado com cerca de 60 gravuras e com uma linda capa allusiva ao **Descobrimto do Brazil**.

Preço, brochado 200 réis, cartonado 300 réis
Pelo correlo accresce 30 réis de porte

À venda nas principaes livrarias e na

EMPRESA DO OCCIDENTE

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.